


Imagens, saberes e fazeres: aprendendo com Maria Caetano

ALINE DE JESUS MAFFI 

Universidade Estadual Paulista | Araraquara, SP, Brasil

aline.maffi@unesp.br

DOI 10.11606/ISSN.2316-9133.V32I2PE211854

A pesquisa participante, como ressalta Ingold (2022), é um meio de conhecer a partir do interior. Assim, a condição à observação participante é que sejamos companheiros de viagem dos seres e coisas que despertam a nossa atenção. Neste ensaio¹, acompanho a minha companheira de viagem, Maria da Luz Caetano Lima, em seus fazeres e saberes cotidianos em um contexto no qual o fazer, em atividades vinculadas ao trabalho rural, engendra saberes. Nesse sentido, estas fotografias derivam de uma experiência relacional que se associa a um engajamento mútuo entre pesquisadora e interlocutora nas atividades que realizaram em parceria.

Maria é uma mulher de 70 anos, trabalhadora rural, que há mais de 60 anos habita o Distrito de Maravilha, localizado na zona rural de Londrina. Na infância, ela se deslocou com a família de Minas Gerais para Londrina, estabelecendo-se em Maravilha. Assim como outros habitantes locais, ela já residia em Maravilha em um contexto que precede a institucionalização² do Distrito.

Ao seguir a minha companheira de viagem, em seu trabalho *no campo*, aprendo a pensar com o auxílio de imagens o *trabalho de campo*. Nesse contexto, duas modalidades de trabalho são colocadas em relação, o trabalho rural – realizado por Maria – e o trabalho de campo enquanto procedimento antropológico. Como pontua Ingold, “para os antropólogos, assim como para os povos entre os quais eles trabalham, o mundo não é objeto de estudo, mas o seu meio” (INGOLD, 2019: 11). Destarte, se a observação participante, na perspectiva do autor, pode ser compreendida como um compromisso de aprender fazendo, as fotografias aqui mobilizadas associam-se a essa concepção, uma vez que estão inseridas no contexto de uma pesquisa participante e são entendidas como formas que pensam e fazem pensar.

Diante disso, este ensaio foi fundamentado no pressuposto de que abrir a imagem, segundo Didi-Huberman (2013), é também abrir a memória, através de um movimento de

¹ As fotografias deste ensaio fazem parte do primeiro ciclo de uma pesquisa de campo que ocorreu de março a setembro de 2022. As imagens se inserem em reflexões relacionadas à minha pesquisa de doutoramento cujo objetivo é reconhecer os sentidos de uma experiência coletiva – expressa em uma territorialidade compartilhada no contexto de memórias e trajetórias (in)visibilizadas – através do cruzamento de trajetórias visuais, compostos a partir de álbuns de família, de mulheres com faixa etária entre 65 e 84 anos.

² A anexação de Maravilha ao Município de Londrina ocorre na década de 1970, contudo a sua formação remonta a meados de 1940 e ao loteamento de parte da Fazenda Maravilha.



e211854

<https://doi.org/10.11606/ISSN.2316-9133.V32I2PE211854>

rasgadura composto por muitos fragmentos e fendas, em um processo por meio do qual a imagem acende as possibilidades narrativas.

No que corresponde ao Distrito de Maravilha, importa dizer que o seu núcleo habitacional é circundado por fazendas, nas quais o plantio segue uma dinâmica econômica regulada pela monocultura. Contudo, entre essas grandes plantações e as primeiras casas do lugar, há uma faixa de terra cultivada por Maria e outros habitantes do distrito. Nessa faixa de terra, a produção da paisagem segue uma dinâmica específica.

Ao retirar o capim-colonião, conhecido como “colonhão”, do lugar referido, esses trabalhadores produzem um desenho relacional que envolve um conjunto de mobilizações e uma dinâmica política de produção do lugar. Como pontua Ingold, os lugares são como nós que atam linhas de peregrinação. Assim, “onde habitantes se encontram, trilhas são entrelaçadas, conforme a vida de cada um vincula-se à do outro. Cada entrelaçamento é um nó, e, quanto mais essas linhas vitais estão entrelaçadas, maior é a densidade do nó” (INGOLD, 2021: 219).

As relações em torno dessa faixa de terra são regidas por acordos, regulados pela palavra, que abrangem os proprietários formais da terra, os administradores, os vizinhos e as pessoas que cultivam a faixa de terra. A delimitação dos lugares, ocupados por cada trabalhador, segue uma lógica de produção do ambiente, organizada em pequenos quadros que costumam ter as suas divisas marcadas com pedras, galhos e outros materiais encontrados, formando uma paisagem muito particular.

Para Ingold (1997; 2000), o conceito de paisagem está associado a uma forma de habitar o mundo intensamente vinculada à noção de temporalidade e à experiência de deslocamento e peregrinação das pessoas no mundo. As paisagens são histórias e, na mesma proporção, possibilitam que histórias sobre o mundo sejam contadas. Nesse contexto, ao produzir os quadros que delimitam um lugar de cultivo, Maria – assim como outros habitantes de Maravilha – também é produzida por eles.

Cada trabalhador decide o que cultivar no quadro ocupado. O plantio é realizado de forma manual e, geralmente, os alimentos agricultados são diversificados, o que configura uma dinâmica relacional distinta da produção em larga escala do agronegócio. As imagens deste ensaio, realizadas ao longo de um período de seis meses, tematizam os movimentos vinculados a distintos momentos do trabalho realizado por minha companheira de viagem dentro do quadro por ela ocupado: capinando, preparando a terra, plantando, colhendo ervilhas, feijão andu ou gandu, quiabo e mandioca.

No decorrer de seus fazeres, Maria elaborava ponderações sobre questões específicas de sua vida, aspectos da experiência comunitária e também sobre a pesquisa na qual trabalhamos em colaboração. Em certa ocasião, ela mencionou que “a pesquisa é como plantar”, visto que primeiro era preciso preparar o terreno, organizar as ruas, escolher as sementes, colocá-las na terra e, enfim, cuidar e acompanhar o seu crescimento. Nesse sentido, a colheita não é a finalidade exclusiva da pessoa que planta, uma vez que ela é parte de um longo processo. Como sugere Maria, assim como o ato plantar, uma pesquisa requer cuidado, é inseparável de uma dimensão ética, está inserida em um processo e envolve procedimentos que são tão importantes quanto o resultado apresentado.

As reflexões de minha companheira de viagem, motivadas pelos movimentos gerados pelos fazeres – como uma forma de aprender fazendo –, não dissociam o fazer e o pensar. Elas caminham ao encontro da proposição de Ingold (2022) que defende que a pesquisa deve ser compreendida como um meio de pensar a partir do fazer (*making*), ou seja, de aprender com as pessoas com as quais trabalhamos. Com Maria, aprendi a olhar as imagens como ela olha as sementes. Com cautela, as sementes são selecionadas, organizadas e distribuídas em ruas na composição da paisagem do quadro. De forma similar, as fotografias aqui mobilizadas foram selecionadas e organizadas para fazer crescer uma paisagem colaborativa baseada em saberes, fazeres e aprendizados compartilhados.



©MAFFI, 2022.

Imagem 1. Em casa, Maria se prepara para o dia de trabalho.



©MAFFI, 2022.

Imagem 2. Acompanhada por Xulica, Maria transporta as ferramentas necessárias para o trabalho em uma carriola/carrinho de mão. Entre a sua casa e o quadro cultivado há uma distância de, aproximadamente, 500 metros.



©MAFFI, 2022.

Imagem 3. Retrato realizado ao longo do dia de trabalho. No momento em que a fotografia foi realizada, Maria falava sobre a percepção da “hora pelo rumo”, ou seja, por meio da posição do sol.



©MAFFI, 2022.

Imagem 4. A colheita do feijão andu é um momento muito esperado. Os grãos do feijão ficam maduros, aproximadamente, três meses e meio após o plantio.



©MAFFI, 2022.

Imagem 5. Gestos do trabalho na colheita do feijão andu.



©MAFFI, 2022.

Imagem 6. Retrato de Maria em casa, após a colheita. A ausência do chapéu e a permanência do lenço em sua cabeça indicam o retorno para casa.



©MAFFI, 2022.

Imagem 7. Trabalho após a colheita. Os grãos do feijão andu são “descascados”, ou seja, retirados da vagem. Parte deles é reservada para o próximo período de plantio e outra parte é destinada ao consumo e a venda.



©MAFFI, 2022.

Imagem 8. Mãos: berço dos grãos e práticas de cuidado. Processo de separação dos grãos.



©MAFFI, 2022.

Imagem 9. Preparação da terra para o plantio de ervilhas e feijão de corda. O plantio realizado por Maria acompanha o ciclo lunar que, segundo ela, está diretamente associado ao processo de formação das plantas. Ela relata que “a lua cheia e a lua nova são boas para plantar”.



©MAFFI, 2022.

Imagem 10. A colheita do quiabo ocorre entre 60 e 70 dias após o plantio. Durante todo o período, o processo requer cuidados, observação e atenção constante. “Tudo que sei, eu aprendi fazendo, foi a terra que me ensinou tudo”, pontua Maria, em sua associação entre fazeres e saberes.

Referências Bibliográficas

- DIDI-HUBERMAN, Georges. 2013. *Diante da imagem*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: editora 34.
- INGOLD, Tim. 1997. "The picture is not the terrain. Maps, paintings, and the dwelt-in world". In: *Archaeological Dialogues*, vol. 4, n° 1, Cambridge, Cambridge University Press, May.
- INGOLD, Tim. 2000. *The perception of Environment. Essays on Livelihood, Dwelling and Skill*. London, New York: Routledge.
- INGOLD, Tim. 2019. *Antropologia: Para que serve?*. Tradução de Beatriz Silveira Castro Filgueiras. Rio de Janeiro: Editora Vozes.
- INGOLD, Tim. 2021. *Estar Vivo: Ensaios sobre movimento e descrição*. Tradução de Fábio Creder. Petrópolis, RJ: Vozes.
- INGOLD, Tim. 2022. *Fazer: Antropologia, arqueologia, arte e arquitetura*. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. Petrópolis, RJ: Editora Vozes.
- SAMAIN, Etienne. 2014. *Como pensam as imagens*. Campinas, SP: Editora Unicamp.

sobre a autora

Aline de Jesus Maffi

Doutoranda em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual Paulista (UNESP). Mestre em Docência para a Educação Básica pela UNESP. Graduiu-se pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). É integrante do Núcleo de Antropologia, Imagem e Performance NAIP, na UNESP.

Autoria: A autora é responsável pela coleta de dados, sistematização e síntese dos argumentos apresentados ao longo do texto, bem como por sua escrita.

Financiamento: O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.